2.4 Alfabetização midiática informacional

A Declaração Universal dos Direitos dos Humanos (UNIC[1], 2009) em seu artigo XIX estabelece:

> Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras (pp. 10-11).

Sob a luz desse direito, segundo as recomendações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para a *alfabetização*[2] *midiática e informacional* (doravante AMI), temos que "a AMI proporciona aos cidadãos as competências necessárias para buscar e usufruir plenamente dos benefícios desse direito humano fundamental" (2013, p. 14).

De fato, o direito ao acesso à AMI determinado pela WILSON (2013) já tinha sido indicado pela Declaração de Alexandria (2005 apud WILSON, 2013) que reconhece como a AMI:

> empodera as pessoas de todos os estilos de vida a procurar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingirem suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. Trata-se de um direito humano básico em um mundo digital que promove a inclusão social em todas as nações (p. 16).

Diante desse potencial para o fortalecimento da cidadania e para a expansão do exercício de liberdade, não há como negar que a AMI é condição importante para a inclusão dos alunos – e da escola – na realidade educacional do século XXI.

De modo geral, existem duas possibilidades básicas de utilização das TDIC para efetivação da AMI no ensino: o uso de recursos e ferramentas criados especificamente para o ensino (como os chamados "objetos de aprendizagem"); e a utilização didático-pedagógica de recursos e ferramentas de uso geral. Em nossa proposta de intervenção, escolhemos a segunda opção.

Consideramos que a escolha da primeira opção poderia gerar, primeiramente, o problema do uso controlado, pois a grande maioria das plataformas específicas para o ensino fundamental não são gratuitas. Em segundo lugar, por serem especificamente

[1] Centro de Informação das Nações Unidas – sigla em Inglês.
[2] O documento da UNESCO reconhece e explica que no Brasil prefere-se usar o termo *letramento*, no entanto, recorrem ao termo *alfabetização* para se ter uma maior aproximação entre os diversos países de língua espanhola e portuguesa.

desenvolvidas para o ensino, poderiam se distanciar do uso cotidiano que os discentes fazem do ambiente digital; e a nossa intenção é exatamente aproximar a escola dessa realidade. De todo modo, usar recursos e ferramentas de uso geral, como instrumento didático-pedagógico, nos pareceu mais adequado aos nossos propósitos por diversos motivos, sendo o reconhecimento prévio por parte do aluno e a proximidade de suas práticas cotidianas os mais relevantes deles.

Acreditamos que o uso didático-pedagógico das TDIC se justifica, entre outras coisas, porque toda tecnologia modifica a forma como a humanidade elabora e reelabora seus saberes, e esse movimento gera novas formas de agir.

Retomando algumas ideias já discutidas neste capítulo, há um entendimento geral (e uma orientação oficial) de que o estudo da língua materna deva se basear na análise e na produção textual, que os textos estão agrupados em gêneros, e que esses gêneros podem e devem ser aprendidos. Temos que considerar, entretanto, que as novas tecnologias adicionam elementos a esse construto. Segundo Lévy:

> A tela informática é uma nova "máquina de ler", o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular (1996, p.41).

Portanto, ao considerarmos o uso didático-pedagógico das TDIC não podemos deixar de observar as mudanças que as mesmas causaram na sociedade e as modificações que produziram no modo como concebemos o texto, e até mesmo a comunicação e os modos de aprender. Nesse sentido, Lévy (1994, p. 41) também argumenta:

> Se considerarmos o conjunto de todos os textos (de todas as imagens) que o leitor pode divulgar automaticamente interagindo com um computador a partir de uma matriz digital, penetramos num novo universo de criação e de leitura dos signos.

Consideramos, assim, que o uso didático-pedagógico das TDIC representa não só a possibilidade de se ter uma ferramenta auxiliar no trabalho escolar, mas pode provocar uma mudança significativa nas práticas educacionais, bem como a ampliação de seu alcance. A utilização das TDIC na educação põe em relevo, ainda, a possibilidade enriquecedora da aprendizagem colaborativa, que é, de modo geral, favorecida pelos ambientes digitais. Assumimos aqui que a aprendizagem colaborativa,

> refere-se à abordagem instrutiva que estimula os estudantes a trabalharem conjuntamente para alcançar metas compartilhadas. A aprendizagem colaborativa pode incluir desde um simples trabalho em dupla até modalidades mais complexas, como a aprendizagem de projetos, a técnica *jigsaw*[3], o questionamento entre os pares e o ensino recíproco, todos visando a produzir ganhos de aprendizagem, como o desenvolvimento da compreensão conceitual e do pensamento complexo, de melhores habilidades interpessoais, de atitudes mais positivas dos estudantes em relação às escolas e a si mesmos e da habilidade de como lidar com a heterogeneidade acadêmica nas salas de aula, tendo em vista que já houve a plena superação das habilidades básicas. Este é um método apropriado na aprendizagem e no ensino da educação midiática, pois requer o compartilhamento de ideias e a aprendizagem mútua (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2013, p.74).

Na mesma direção, Moran (2014) dá relevo à atual perspectiva da aprendizagem desencadeada pelas TDIC:

> É na síntese dinâmica da aprendizagem personalizada e colaborativa que desenvolvemos todo o nosso potencial como pessoas e como grupos sociais, ao enriquecer-nos mutuamente com as múltiplas interfaces do diálogo dentro de cada um, alimentando e alimentados pelos diálogos com os diversos grupos nos quais participamos, com a intensa troca de ideias, sentimentos e competências em múltiplos desafios que a vida nos oferece (p.2).

Diante dessa visão geral sobre a dinâmica da aprendizagem, o autor aborda, ainda, o modo como as TDIC tocam a colaboração. Para Moran (2014), se de um lado, pela colaboração aberta, vamos ampliando o conhecimento social, por outro, pela personalização, cada um de nós consegue desenvolver trilhas mais adaptadas às suas expectativas e possibilidades reais cotidianas. Para o autor, a comunicação entre docentes e discentes nos coloca diante de narrativas com muitas histórias de vida, com metáforas de visualizar e representar o mundo, o que nos auxilia a reelaborar o que conhecemos. Nesse sentido, para uma aprendizagem significativa e transformadora, Moran (2014) considera que o acolhimento, a confiança, o incentivo e a colaboração são decisivos, considerando que:

> A educação hoje precisa equilibrar o contato físico e o virtual, as atividades lúdicas com as mais estruturadas, as atividades mais exploratórias com as mais focadas, concentradas, a colaboração e a individualização. (p.4).

[3] No referido método, em uma primeira fase, os alunos são distribuídos em grupos de base e um determinado tópico é discutido por todos de cada grupo. O tópico é subdividido em tantos subtópicos quantos os membros do grupo. Numa segunda fase, cada aluno estuda e discute com os membros dos outros grupos a quem foi distribuído o mesmo subtópico, formando assim um grupo de especialistas. Posteriormente, cada um volta ao grupo de base e apresenta o que aprendeu sobre o seu subtópico aos seus colegas, de maneira que fiquem reunidos os conhecimentos indispensáveis para a compreensão do tópico em questão. Cada estudante precisa aprender a matéria para 'si próprio' e também explicar aos seus colegas, de forma clara, o que aprendeu (COCHITO, 2004).

Pelo que foi visto brevemente, acreditamos que o ensino colaborativo, potencializado pelas TDIC, é um caminho viável para a educação contemporânea, e que pode ajudar a atender à demanda da Alfabetização Midiática Informacional.

Como já mencionado, nossa proposta de intervenção procura explorar algumas das possibilidades de usos didático-pedagógicos de ferramentas específicas[4], disponibilizadas pelo *Google*, que são oferecidas gratuitamente e com garantia de permanência (não há exclusões súbitas e aleatórias como em diversas plataformas). As ferramentas são simples, mas, ao mesmo tempo, possuem alto grau de sofisticação técnica e excelente aplicabilidade – algumas, para os nativos digitais, são quase intuitivas. Grande parte é bastante acessível e está disponível para instalação.

Antes de nos voltarmos para a análise dos resultados da aplicação, consideremos, brevemente, no próximo capítulo, nossos procedimentos metodológicos.

[4] As ferramentas disponibilizadas pelo *Google* são apresentadas no Caderno Pedagógico onde proposta de intervenção é descrita.